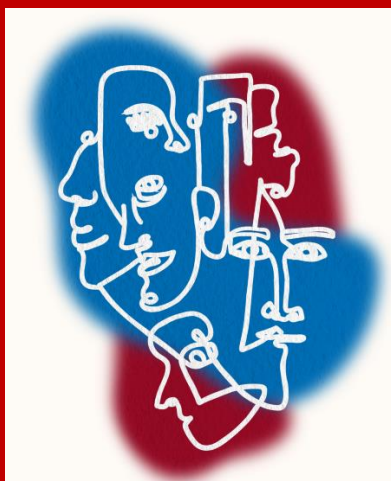


IDENTIDADES E COMUNIDADES MUSICAIS

UNIVERSIDADE DO MINHO | 13.12.2021



RESUMOS

:: 11h00 | CONFERÊNCIA | MOD. EDUARDO LOPES

CONFERÊNCIA DE ABERTURA

JOÃO SOEIRO DE CARVALHO [INET-MD-UNL]

BIO | JOÃO SOEIRO DE CARVALHO obteve os graus de Doutor e de Mestre pela Columbia University in the City of New York. É Professor Catedrático na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Desenvolve a sua atividade científica na área das Ciências Musicais – Etnomusicologia. Investigador Principal de vários projetos financiados pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, e autor de vários artigos e capítulos de livros nacionais e internacionais. Exerce desde 2013 as funções de Presidente do Conselho Pedagógico, e de Subdiretor para os Estudantes na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Entre 2009 e 2013 foi Coordenador Executivo do Departamento de Ciências Musicais da FCSH. Foi Comissário da Conferência Nacional de Educação Artística (Ministérios da Educação, Cultura, e Negócios Estrangeiros, 2006/08); Conselheiro Científico de Educação Artística para a UNESCO (2005/06); Diretor do Departamento de Música do Instituto Português das Artes do Espetáculo (Ministério da Cultura, 2000/01); fundador e Diretor do Laboratório de Etnomusicologia dos Arquivos do Património Cultural (República de Moçambique, Ministério da Educação e Cultura, 1990/93). [<http://www.inetmd.pt/index.php/pessoas/integrados/327-joao-filipe-soutelo-soeiro-de-carvalho>]

:: 12H00 | CONFERÊNCIA | MOD. JAIME COSTA

DA VINCULAÇÃO À ARTE DE URDIR TECIDOS HUMANOS E PAISAGENS DE OUVIR

HELENA RODRIGUES [CESEM/UNL] & JORGE GRAÇA [CESEM/UNL]

RESUMO | Uma ideia subentendida na investigação sobre Música é a de que “A Música” tem o poder de conectar os seres humanos. Mas, de que falamos quando falamos de Música? A multiplicidade de ritos, práticas e costumes onde a “Música” está presente (de forma assumida ou tácita) revela um campo de significados demasiado amplo para que um termo apenas seja claro o suficiente. Desse modo, nesta apresentação adaptamos o conhecido verso de Gertrude Stein: “A Música é a Música é a Música”. Esta ambiguidade semiótica encoraja-nos a um itinerário que começa na ideia de que, desde o nascimento (senão antes) os seres humanos estão biologicamente preparados para se conectarem. Partimos assim do conceito de vinculação, e daí derivamos por entre palavras e conceitos que nos levam ao que, de acordo com a nossa definição de Música, pretendemos demonstrar: que esta nos liga ao que é essencialmente humano. E que, por isso mesmo, é importante, imprescindível, à sobrevivência da espécie. Mesmo quando uma pandemia como a COVID-19 amordaça a voz e o subtil comunicar latente na partilha do mesmo espaço físico. Partilhamos como é que nestas circunstâncias a Música foi parte da estratégia de resiliência e esperança da Companhia de Música Teatral, depois de uma “periscópica” visita ao percurso deste coletivo, cujo trabalho também faz uso da “Música” como meio e processo de construção e manutenção de comunidades e redes de comunicação. De tal modo, que temos hoje uma nova - solipsista - definição de Música. **PALAVRAS-CHAVE:** Vinculação, Comunidade, Investigação Artística, COVID-19, Musicalidade comunicativa. **BIO** | **HELENA RODRIGUES** é professora Associada com Agregação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa. Investigadora do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical, fundou o Laboratório de Música e Comunicação na Infância. Divulga as ideias sobre a teoria de aprendizagem musical de Edwin Gordon em Portugal desde 1994. As ideias de Colwyn Trevarthen, pesquisas no âmbito do teatro físico e da educação somática são outras importantes referências no seu percurso. O conjunto destes e outros saberes tem-na levado a formular uma proposta original de formação, visando contribuir para uma melhoria dos cuidados na infância. Foi Research Fellow da Royal Flemish Academy of Belgium for Science and the Arts. É diretora artística da Companhia de Música Teatral. Entre outros, coordenou o projeto Desenvolvimento Musical na Infância e Primeira Infância, apoiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e os projetos Opus Tutti e GermlnArte apoiados pela Fundação Calouste Gulbenkian. Autora de publicações de natureza diversificada, é frequentemente convidada para apresentar conferências e workshops em Portugal e no estrangeiro. | **JORGE GRAÇA** é doutorando na NOVA FCSH, onde desenvolve investigação em Música na Comunidade. Obteve o grau de Mestre em Ensino da Música (Saxofone) pela Universidade de Aveiro (2016). Foi professor de Saxofone, Classe de Conjunto e Música e Tecnologias Informáticas no Conservatório de Música David de Sousa na Figueira da Foz de 2014

a 2020. Na área da etnomusicologia, colaborou com o projeto de patrimonialização do Cantar dos Reis em Ovar, em colaboração com investigadores do INET-md (Universidade de Aveiro). É saxofonista e compositor, tendo-se apresentado por todo o país em conjunto com o quarteto Noscalla, do qual é membro fundador. Atualmente dedica-se a projetos a solo com enfoque na música eletrónica e na performance auxiliada por tecnologias. Está também a trabalhar no primeiro álbum do seu projeto Fauxclore. Tem colaborado com a Companhia de Música Teatral em projetos artísticos e educativos como *Poemário*, *ZygZag&Zoom*, *Pianoscópio* e *O Céu por Cima de Cá*.

:: 14H30 | OS ARTISTAS | MOD. PEDRO MARTINS

BACK TO BASICS: FROM RHYTHM TO RHYTHM

EDUARDO LOPES [CESEM/UE]

RESUMO | Em época de grande velocidade de comunicação e inerente capacidade de acesso a informação, podemos facilmente – e na cultural pressa de não deixar a ‘onda fugir’ – esquecermos da ‘prancha’. Como no caso do Alquimista de Paulo Coelho, ao longo da história da civilização humana somos muitas vezes confrontados com a realização de que respostas e/ou avanços estão bem mais próximos da nossa esfera do que aquilo que imaginávamos. Aliás e se precisarmos de alguma prova disto, bastará refletir que um dos maiores desafios na ciência da exploração espacial é o de como criar uma alface de boa qualidade em gravidade zero. Nesta palestra irei refletir de como a minha própria experiência como jovem músico fomentou parte da minha investigação avançada em música e de como esta ‘re-alimentou’ a minha prática artística. **PALAVRAS-CHAVE:** Investigação; Música; Prática artística **BIO** | **Eduardo Lopes** Efetuou estudos de bateria jazz e percussão clássica no Conservatório Superior de Roterdão. É Licenciado pela Berklee College of Music (EUA) em Performance e Composição com a mais alta distinção (*Summa Cum Laude*). É Doutoramento em Teoria da Música pela Universidade de Southampton (Reino Unido), sob orientação de Nicholas Cook. Ao longo da sua carreira recebeu vários prémios e bolsas de estudo nacionais e internacionais. Atua regularmente com os mais relevantes músicos portugueses e artistas internacionais de renome. É autor de vários artigos e textos sobre a problemática da interpretação musical, teoria da música e ritmo, jazz e ensino de música. Lecionou na Universidade de Southampton no Reino Unido e na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo em Portugal. Presentemente, é Professor na Universidade de Évora; Diretor do Doutoramento em Música e Musicologia da UÉ; Coordenador do Pólo do CESEM na UÉ; co-editor da revista brasileira de musicologia HODIE e editor da Revista Portuguesa de Educação Musical.

A IDENTIDADE ESTÉTICA DE UMA PIANISTA NO SÉCULO XXI

SOFIA LOURENÇO [CITAR-UCP/ESMAE]

RESUMO | A identidade estética de uma pianista implica necessariamente um elemento subjetivo, o qual, num esforço de sistematização e análise na compreensão de processos de identificação, mediação e hibridação na prática e comunicação musical, convoca uma perspetiva de reflexão, e, em simultâneo, uma atitude pragmática de experiência. Este itinerário será objeto de uma caracterização do percurso biográfico de formação académica e artística inicial e pós graduada da autora, que passa pelos estudos de piano e humanidades com diversos mestres em Portugal, assim como pela *Universität der Künste* em Berlim nos anos 90, e, mais tarde, pela elaboração da sua tese de doutoramento (2005) sobre a caracterização de performances representativas de pianistas da 1ª metade do século 20, através da aferição de principais tendências da prática performativa, referenciadas como Escolas Nacionais de Piano. A mesma reflexão sobre a sua própria atividade será abordada no alinhamento do exercício de 3 décadas de ensino superior de Artes Performativas e a procura de uma voz personalizada, incontornavelmente única, através de uma linha de síntese interpretativa ao piano, por entre os sons e os silêncios da música, na sua tradição e renovação. **PALAVRAS-CHAVE** | Biografia; Identidade; Música; Performance; Tradição; Renovação. **BIO** | **SOFIA LOURENÇO** concluiu estudos de pós-graduação no Conservatório e Universidade do Porto. Foi discípula de Maria da Glória Moreira e Fausto Neves, na JMP e CMP, e aluna de Helena Sá e Costa (1913–2006) a partir dos dez anos de idade; teve ainda como mestres Laszlo Simon, Georg Sava, Sequeira Costa, Vitaly Margulis e Alicia de Larrocha. Obteve um diploma de solista na *Universität der Künste Berlin* como bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa, Portugal). É professora de piano na ESMAE/ IPP e Doutora em Música e Musicologia pela Universidade de Évora (2005) sob a orientação de Rui Vieira Nery e Ulrich Mahler. Desde 2007 no CITAR/UCP, integra atualmente o grupo de investigação em Estudos Históricos e Culturais em Música do INET-MD (UNova, Lisboa, Portugal). Concertos em Portugal e no estrangeiro (Recital de Piano no *Shangai Oriental Art Center* (SHOAC), 2018, e no *Art Link Belgrade Music Festival*, 2019).

UM ARTISTA NA UNIVERSIDADE: INVESTIGAÇÃO, PERFORMANCE E PROFISSÃO

HENRIQUE PORTOVEDO [INET-MD/UA] & ÂNGELO MARTINGO [CEHUM/UM]

RESUMO | A exploração composicional que se tem verificado, designadamente, a partir da segunda metade do século XX, resultou na considerável ampliação das possibilidades performativas, quer através do desenvolvimento de novos instrumentos, quer da transformação da performance tradicional através de meios eletrónicos e digitais. A tal desenvolvimento não tem sido estranho o enquadramento universitário da formação em música – o domínio da investigação está aí subjacente quer à prática da lecionação, quer ao desenvolvimento da carreira dos docentes, tendo contribuído para assegurar um espaço de experimentação marginal à lógica de mercado. Partindo do Hybrid Augmented Saxophone of Gestural Symbioses (HASGS) que, desenvolvido por Henrique Portovedo a partir de um projeto de doutoramento, permitiu otimizar a *performance* através do controlo eletrónico de parâmetros em música mista executada no instrumento mecânico, reduzindo assim o recurso a dispositivos de controlo externo para fins

eletrónicos, procura-se contribuir para a definição do que pode constituir a investigação artística, bem como para a discussão da transformação da prática artística e da identidade do intérprete no contexto da docência universitária. **PALAVRAS-CHAVE** | HASGS; Investigação artística; Tecnologia; Universidade | **BIO** | **HENRIQUE PORTOVEDO** encontra o seu lugar na música contemporânea trabalhando com compositores como R. Barret, P. Ferreira Lopes, C. Barlow, C. Roads, P. Ablinger, M. Edwards, S. Carvalho, R. Ribeiro, M. Azguime, entre muitos outros. Portovedo estreou mais de 40 obras a si dedicadas. O seu trabalho discográfico está editado por diversas editoras como Naxos, Universal, PadRecords, R'RootsProductions. Foi premiado com o Prémio de Mérito da Fundação António Pascoal, Prémio de Mérito Artístico Fundação Eng. António de Almeida, 1st Prize of the International Youth Soloist Contest Purmerend. Recebeu vários Trinity Music Awards em Londres, Prémio Jovens Criadores pelo Instituto Português de Artes e Ideias, prémio do Centro Nacional de Cultura na área da música. Tem sido artista em residência e no ZKM Karlsruhe, na Edinburgh University e Fulbright Visiting Researcher no MAT UCSB. Enquanto investigador no CITAR foram-lhe atribuídos financiamentos de investigação pela FCT e Fulbright. É docente na Universidade de Aveiro, na Universidade Católica Portuguesa e no RCSM Madrid.

PAQUITO D'RIVERA: LINGUAGEM, INTERTEXTUALIDADE, HIBRIDAÇÃO

IMILKA FERNÁNDEZ DE POSADA

RESUMO | Con un reconocido legado como intérprete de jazz latino, Paquito D’Rivera emerge en este trabajo como compositor de un amplio catálogo de obras escritas. A través del análisis de dos de ellas, *Panamericana Suite* (2010) y *The Elephant and the Clown* (2014), se propone el estudio de la multiplicidad de lenguajes que convergen en el discurso de D’Rivera, fundamentado en contactos y conexiones de diversa naturaleza, procedencia y significado, que a su vez se expresan como efecto de la configuración híbrida de su *habitus*. La intertextualidad le proporciona al compositor un amplio abanico de opciones que utiliza recurrentemente a partir de la presencia de citas, alusiones y tópicos, cuyas referencias producen un simbolismo que permite conectarlos con los diversos elementos que se hibridan en su imaginario musical panamericano. **PALAVRAS-CHAVE** | Musicología; Hibridación; Intertextualidad; Paquito D’Rivera; Jazz latino; Música cubana. **BIO** | Imilka Fernández es Licenciada en Musicología en el Instituto Superior de Artes de La Habana y Máster en Música Hispana, titulación otorgada por la Universidad de Valladolid. Más de veinte años de residir fuera de su tierra natal, Cuba, la han motivado a enfocar su investigación musicológica en la creación y producción artística que realizan los músicos cubanos fuera de su isla. Con el objetivo de promover y recuperar el legado de estos músicos fundó en el 2014 el blog y archivo digital de la música cubana Worldwide Cuban Music. Bajo este sello se han publicado numerosas biografías y artículos, así como también la realización del documental *Los secretos de un luthier: Pablo Quintana* (2017). Paralelo a esta labor musicológica, se ha desempeñado durante varios años como profesora de varias asignaturas teóricas en diversas instituciones docentes en Cuba, España y en los Estados Unidos, donde reside actualmente.

UM PERCURSO ARTÍSTICO E INVESTIGATIVO ENTRE A FLAUTA TRANSVERSAL E O BANSURI

Gil Magalhães [UMinho]

RESUMO | A interpretação de uma obra ímpar de Ravi Shankar – “L’Aube Enchantée” – realizada em 2006 com o projeto artístico “ExpressOriente Duo” (Gil Magalhães e Carlos Lima), alavancou um trabalho de investigação que culminou com a elaboração da tese de doutoramento do autor em 2021. É aqui realizada uma reflexão sobre o percurso artístico e académico do autor e do desenvolvimento da sua identidade estética enquanto performer e pedagogo, na procura de aferir, experimentar, criar e recriar possibilidades de hibridez entre diferentes práticas e culturas musicais, como o da música hindustânica e da sua flauta, na aplicação prática à música e flauta ocidental. Considerando o conjunto de especificidades técnicas e expressivas apresentadas na música hindustânica em geral, e no bansuri em particular, apresenta-se uma reflexão sobre os domínios da afinação, da sonoridade, do fraseado, da articulação e ornamentação e a sua aplicação na flauta transversal, refletida na necessidade de desenvolver diferentes dedilhações, oscilações na embocadura, variações de ressonância na cavidade bucal, na garganta e na cabeça, explorando diferentes posicionamentos da língua e da laringe, diferentes aplicações silábicas, vibrato labial e maior eolização na produção sonora. Deste processo de investigação assente na prática performativa dos dois instrumentos, observa-se um enriquecimento das opções técnicas do modelo ocidental, diferentes posicionamentos das mãos e dedos, utilização de diferentes digitações que permitam a hibridez sonora entre as duas flautas, alavancando a escrita composicional influenciada pelas características técnicas e expressivas da música indiana e da sua flauta nativa. **PALAVRAS-CHAVE** | Bansuri; Hibridez; Identidade estética; Flauta transversal; Performance. **BIO** | **GIL MAGALHÃES**, Doutor em Música, na especialidade de Performance, pela Universidade de Aveiro (2021). Laureado dos concursos Juventude Musical Portuguesa (1988, 1990), 1º Flauta Solista da Orquestra Regional do Norte (1998–2004) e flautista convidado na Régie Sinfonia – Orquestra do Porto, Flautista Co principal convidado da Orquestra Sinfónica do Estado do México (2004). No âmbito da atividade orquestral, colaborou, entre outros, com os maestros Kristof Penderecky, Enrique Bátiz, Leo Brower, Roland Mélia, James Tugle, com intérpretes como Patricia Kopachinskaya, Eduardo Isaac, Duo Assad, Michel Lethiec, José Carreras, Andrea Bocelli, Scorpions, Gary Hoffman, Rui Veloso, Luís Represas, e Rao Kiao, e gravou para a RTP, SIC, Antena2. Gil Magalhães exerce funções docentes na Universidade do Minho como Professor Convidado Equiparado a Professor Auxiliar do Departamento de Música da Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas.

:: 15H30 | MEDIAÇÃO | MOD. ÂNGELO MARTINGO

E PLURIBUS UNUM ET EX UNITATE VIRES, OS ESTADOS UNIDOS, E A PROCURA DE IDENTIDADES ARTÍSTICAS NO SÉCULO XIX

JAIME COSTA [CEHUM/ELACH/UMINHO]

RESUMO | Walt Whitman é considerado como o poeta nacional dos Estados Unidos. Foi o criador de uma nova dicção poética, uma que, assumidamente, era capaz comunicar diretamente ao homem comum todas as alterações e novidades que mergulhavam o século XIX. A poesia vinha a ter uma função educativa e esclarecedora sobre o lugar a ser ocupado pelo (novo) ser humano num novo mundo emergente situado no continente americano. No contexto cultural dos Estados Unidos, uma preocupação destacada de Whitman foi, a questão da identidade. Como criar uma identidade nova para um país que se tinha assumido desde a sua revolução como radicalmente diferente da Europa? Certamente, os modelos Europeus não eram válidos. Nenhum dos objetos culturais da Europa serviriam para fortalecer uma identidade completamente nova, a democrática dos Estados Unidos. Para Whitman, tão só uma poesia nova serviria o propósito de criar e fortalecer um povo esclarecido e democrático. No entanto, que dizer acerca da música como fator de criação, transmissão e fortalecimento dos valores democráticos. Será que a América também, e tal como tinha feito com a pintura e com a poesia (literatura), estava empenhada na criação de uma escola compositores nativos? Quais eram os objetivos dos criadores musicais? Estavam também alinhados com o pensamento de Whitman? Qual era a opinião de Whitman sobre a música e as artes em geral neste sentido identitário e criativo de identidade? **PALAVRAS-CHAVE** | Identidade, Nacionalismo, Ideologia, Arte, Educação. **Bio** | **JAIME COSTA** é Doutorado em Literatura Norte-Americana pela Universidade de Salamanca, é professor na Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas da Universidade do Minho, onde lecciona Literatura Norte-Americana e Sociedade e Cultura Anglo-Americana. No âmbito dos estudos norte-americanos, tem publicado, em revistas nacionais e estrangeiras, sobre temas relacionados com o romantismo e o pós-modernismo na literatura e nas artes em geral. É investigador do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho. Editou as únicas traduções em português das “Visões Democráticas,” (Opera Omnia, 2012) e “Prefácios de Walt Whitman a *Folhas de Erva*” (Humus 2018) de Walt Whitman.

EDUCAÇÃO SONORA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM ARTES

MunIQUE Silva [GEPES2] & Marco Aurélio Silva [GEPES–UFMA]

RESUMO | Educação Sonora é um projeto de intervenção que teve como objetivo primordial cuidar do ambiente sonoro da Escola Estadual Lara Villela, a partir da importância que o Ensino de Música ocupa na relação entre a poluição sonora e a falta de uma audição cuidadosa do ambiente, buscando assim, o entendimento do vínculo que se estabelece entre Ensino de Música e Paisagem Sonora através da construção de uma audição seletiva e o lugar a ser ocupado pelo educador. Este estudo traz para a toda comunidade escolar benefícios como a melhoria do ambiente acústico da escola, o que influi diretamente no processo de ensino aprendizagem dos alunos, adequadas condições de saúde auditiva e vocal aos profissionais envolvidos no processo, além de impactar de forma significativa na qualidade e melhoria nas suas relações interpessoais dos atores envolvidos no processo de construção do cidadão consciente e pronto para os desafios apresentados pelo século XXI. Concluímos que, o estudo em tela contribuiu significativamente para a melhoria do ambiente acústico da escola, influenciando em melhoria no ensino e aprendizagem dos alunos e dos profissionais envolvidos no processo. Com relações interpessoais mais equilibradas, no que tange na compreensão um do outro, ou seja, (professor, aluno, funcionários e comunidade), percebemos o aprender ouvir no sentido “Lato do termo”, pois uma vez mais atento a arte de ouvir, mais atento a uma acuidade sonora tendemos a ter um ambiente mais saudável e menos propenso aos danos irreversíveis causados por uma exposição contínua acima de 85 decibéis. **PALAVRAS-CHAVE** | Educação; Escola; Cidade; Educação Integral. **BIO** | **MUNIQUE TEIXEIRA DA SILVA** é Graduada em Dança (Licenciatura) pelo Centro Universitário da Cidade do Rio de Janeiro (2009) e formada em Teoria Musical e Solfejo pelo Conservatório de Música de Niterói - Rio de Janeiro. Estudou Ballet, Jazz e Teatro na Escola de Dança Alice Harja e Ballet na renomada Escola de Dança Angel Vianna, onde iniciou sua busca pela consciência corporal. Foi professora auxiliar e clarinetista na Orquestra Sinfônica Jovem das Aldeias Infantis SOS Brasil no Rio de Janeiro e professora de musicalização infantil na mesma instituição, além de ter lecionado Dança em diversas escolas de ensino fundamental e médio. Como pesquisadora investigada sobre o tema: A reeducação corporal através da dança: Reflexões sobre o corpo na contemporaneidade, que culmina num trabalho de consciência corporal, trabalho este, que foi e vem sendo aplicado nas escolas e academias onde leciona, tendo inclusive, resultado em artigo publicado, na pesquisa desenvolvida na Graduação e em seu objeto de estudos na Pós-Graduação. Integra com pesquisadora o GEPES. **MARCO AURÉLIO APARECIDO DA SILVA**, natural do Rio de Janeiro, é Professor do Departamento de Música e no Programa de Mestrado Profissional em Artes da UFMA, pesquisador, instrumentista, compositor, arranjador e produtor musical, teve a formação erudita como primeiro contato com a arte musical. Iniciou seus estudos musicais aos 10 anos de idade. Doutor em Ciências da Educação/Especialização em Estudos Musicais com Estágio Pós-Doutoral em Artes – área de concentração Música – pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro/UTAD (Portugal), com pesquisa que faz interface entre música, educação e ambiente. Formado em teoria musical, solfejo e percepção musical, Bacharel em Música com habilitação em contrabaixo, Licenciado em Música, Especialista em Docência do Ensino Superior, Mestre em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente, Doutor *honoris causa* em Letras e Artes pelo Centro de Estudos Históricos de Kastória – Grécia e Doutor h.c. em Filosofia e Estudos Históricos pelo

Centro Sarmathiano de Altos Estudos Filosóficos e Históricos (Instituição reconhecida e cadastrada na ONU). É pesquisador, coordenador e fundador do GEPES.

GALO CANTOU NA BAÍA, DE MANUEL LOPES: A MORNA COMO UM PRODUTO SOCIOCULTURAL

MARIA DO SOCORRO COSTA [UFMA], GUSTAVO FROSI BENETTI [UFMA] & LEVI LEONIDO [CITAR-UCP; UTAD]

RESUMO | A literatura como terreno fértil para abordagens interdisciplinares. No estudos agora reportado, propõe-se uma reflexão sobre a relação da literatura com a música, a filosofia, a sociologia, a história e a identidade (individual e coletiva) no conto *Galo cantou na baía* (1998), do escritor cabo-verdiano Manuel Lopes. Para isso, analisamos como nessa narrativa o gênero musical mais popular de Cabo Verde, a morna, é representado por Lopes, e a música, como parte orgânica do conto de Lopes e como um produto sociocultural, é duplamente investigada: pelo viés literário e etnomusicológico, analisando sociocultural e comparativamente como Lopes utilizou um discurso musical identitário como recurso para expressar uma cabo-verdianidade, iluminando campos temáticos intrínsecos à configuração insular e sincrética de Cabo Verde e, conseqüentemente, da morna. Sendo assim, para compreender a narrativa de Manuel Lopes a partir de uma perspectiva mais ampla e complexa, temos que reconhecer que no contexto cabo-verdiano não há uma indissociabilidade entre contexto textual (ficcional) e a realidade material (configurações socioculturais e geopolíticas), tendo em conta que um diálogo entre diferentes áreas do saber é percebido nas páginas de ficção, em especial um entrelaçamento entre literatura e música no conto de Lopes. Para tal, recorreremos às reflexões críticas Hall; Rodrigue; Nzewi; Mapaya e Mugovhani; ou Nketia, para citar apenas alguns autores. **PALAVRAS-CHAVE** | Cabo-verdianidade; *Galo cantou na baía*; Manuel Lopes; morna. **BIO** | **MARIA DO SOCORRO NASCIMENTO DA COSTA** é Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão. Especialista em Filosofia e Cultura pela Universidade Federal do Maranhão. Graduada em Linguagens e Códigos – com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Maranhão. Integrante do Grupo de Pesquisa em Literatura, Alteridade e Decolonialidade. Foi Bolsista e pesquisadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (2015–2017). | **GUSTAVO FROSI BENETTI** é Professor do Curso de Linguagens e Códigos / Música da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus de São Bernardo. Pós-Doutorado em Artes / Musicologia pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). Doutor em Música pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com estágio na University of Montana (UM). Mestre em História e Graduado em Música pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Pesquisador com atuação nas temáticas de música e história no Brasil.

A MÚSICA NA PUBLICIDADE DE AUTOMÓVEIS: BREVES APONTAMENTOS.

Albertino Gonçalves [CECS/ICS/UMinho]

RESUMO | A música configura-se como um marcador identitário, versátil e dinâmico, dos anúncios publicitários e respetivos promotores. Assim como, em traços largos, na Idade Média e no Renascimento, a música de corte e da igreja se opunha à música da praça pública, há algumas

décadas, observava-se, de forma homóloga, a tendência para a banda sonora dos anúncios de carros de alta cilindrada e de luxo convocar, preferencialmente, triunfos e adágios, e os anúncios de carros citadinos, mais leves e joviais, para a música ligeira e pop/rock. Nos anos mais recentes, com a emergência de novos géneros, por exemplo a música eletrónica, e de novas políticas de marca, este cenário alterou-se. **PALAVRAS-CHAVE** | Música; Identidade; Publicidade. **BIO** | **ALBERTINO GONÇALVES**, nascido em 1959, no concelho de Melgaço, é Professor aposentado do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. No que respeita à publicação de livros, é autor de *A Idade de Ouro do Postal Ilustrado em Viana do Castelo* (2011), *Vertigens* (2009), *As Asas do Diploma* (2001) e *Imagens e Clivagens* (1996); coordenador de *Impactos Económicos e Sociais. Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura* (2013), *Perspectivas de Desenvolvimento do Município de Monção* (2008) e *Da Universidade para o Mundo do Trabalho* (2001); e coautor de *Dar Vida às Letras* (2007), *Vertigens do Barroco em Jerónimo Baía e na Actualidade* (2007) e *A Romaria da Sr^a da Agonia* (2000). Foi diretor do Departamento de Sociologia, do doutoramento em Sociologia, do mestrado em Comunicação, Arte e Cultura e do mestrado em Sociologia da Cultura e dos Estilos de Vida, na Universidade do Minho.

:: 16H30 | CONFIGURAÇÕES | MOD. SOFIA LOURENÇO

DA MÚSICA PARA A FILOSOFIA: OS SONS DO PENSAMENTO E O PENSAMENTO SOBRE OS SONS

Pedro Martins [CEPS–ELACH/UM]

RESUMO | As relações entre a música e a filosofia, desde a antiguidade, são multifacetadas, ricas e complexas, não se podendo sistematizar facilmente. Seja como for, a prática e a teoria da música, na nossa perspetiva, não são indissociáveis de perspetivas filosóficas (implícita ou explicitamente, consciente ou inconscientemente); por seu turno, os critérios de análise da música e da sua valoração alicerçam-se, do mesmo modo, em perspetivas e visões filosóficas. A História da Filosofia está repleta de exemplos (desde Platão até Hegel, por exemplo). Seja, como for, acreditamos que há diferenças entre aquilo que os filósofos em geral pensam sobre a música e aquilo que pensam sobre o mesmo assunto os filósofos que são também músicos (instrumentistas e compositores) e, além disso, grandes conhecedores da música. Esta relação privilegiada com a música envolve uma dimensão afetiva e existencial, por um lado, e uma dimensão cognitiva e técnica, por outro. Sustentamos a hipótese de que a forma como os filósofos-músicos vivem e fazem a música, nestes casos, repercute-se, significativamente, na forma concebem e fazem a própria filosofia (não apenas a filosofia da música). E vice-versa. Partindo de uma breve exploração comparativa dos casos de dois grandes filósofos-músicos, dois confessos melómanos e compositores, Rousseau e Adorno, pretendemos abordar e relacionar duas questões: até que ponto a música contribui para definir a identidade dos filósofos/ da sua filosofia? De que modo,

afinal, uma perspetiva filosófica se repercute na análise, interpretação e valoração da música? **PALAVRAS-CHAVE** | Adorno; Filosofia; Música; Rousseau. | **Bio** | **Pedro Miguel Martins** é, desde 2008, Professor Auxiliar do Departamento de Filosofia da Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas da Universidade do Minho e foi investigador integrado no Centro de Estudos Humanísticos (CEHUM), na linha de ação de Filosofia e Cultura, até se integrar, em 2017, no Centro de Ética, Política e Sociedade (CEPS) da mesma escola. Desenvolveu investigação e publicou trabalhos sobre o republicanismo português (incluindo um livro) e as diferentes correntes do pensamento político conservador português e europeu. Mais recentemente tem participado em projetos de investigação sobre o populismo e sobre as teorias da justiça e a noção de mérito. Coordenador e dinamizador da Comunidade de Leitores de Filosofia, no Museu Nogueira da Silva, com Eugénio Peixoto (2007-2012) e com Cristina Costa e Sara Gonçalves (2013-2020).

A origem como ideologia: A música ocidental, os seus inventores, e a sua invenção

Ângelo Martingo [CEHUM/UM]

RESUMO | Dos tratados medievais às seminais histórias da música barrocas, Jubal e Pitágoras são figuras que recorrentemente emergem entre os inventores da ciência da música, dos seus instrumentos, ou como instituidores da prática musical, numa atribuição que reclama para a disciplina a autoridade da tradição e do conhecimento. Refletindo uma paralela transformação social e do conhecimento, a teorização da origem da música reveste-se a partir do séc. XVIII de um caráter antropológico em que a dimensão social ganha relevo, designadamente. A teorização no final do séc. XIX, em que emerge a estruturação e institucionalização as ciências musicais, é enriquecida pelos meios técnicos e metodologias de disciplinas como a etnologia ou a psicologia, verifica-se um enviesamento eurocêntrico em resultado do qual a teorização da origem é frequentemente uma reconstrução legitimadora da música ocidental que a coloca como culminar da civilização. Em sentido inverso, os recentes contributos para a discussão, recuperando contributos da teoria da evolução ou reformulando argumentos para uma função adaptativa da música, recuam epistemologicamente dos materiais musicais para a capacidade para a música, deixando por explicar a transformação, complexidade, relevância estética, ou o potencial crítico das práticas musicais. **PALAVRAS-CHAVE** | Música; Ideologia; Origem; Historiografia | **Bio** | **Ângelo Martingo**, *Doctor of Philosophy* (University of Sheffield); *Master of Music in performance* (University of Reading). Foi-lhe ainda atribuído, na área de interpretação musical, o *Diplome Supérieur D'Enseignement* (École Normale de Musique de Paris). É Professor Auxiliar da Universidade do Minho, onde leciona Sociologia da Música. Distinguido com o Prémio Jovens Músicos e o Prémio Silva Pereira em 1995, gravou para a RDP, a RTP e a Deutsh Welle. É Membro integrado do Centro de Estudos Humanísticos (CEHUM) e Colaborador do Centro de Estudos em Comunicação e Sociedade (CECS) da Universidade do Minho. Os seus interesses de investigação centram-se na dimensão social e comunicativa da produção, interpretação e receção musical (teoria crítica, expressão, cognição). As suas publicações mais recentes incluem *Razao, Expressao e Cognicao nas Práticas Musicais: Composição, Interpretação, Receção* (Húmus, 2018), *A Música e o Corpo* (Letras&Coisas, 2018), e *Musica Instrumentalis* (Húmus, 2019).

:: 16H50 | A UNIVERSIDADE E AS PROFISSÕES MUSICAIS | MESA REDONDA | MOD. ALBERTINO GONÇALVES

ÂNGELO MARTINGO [CEHUM–ELACH/UM]
EDUARDO LOPES [CESEM–UE]
HENRIQUE PORTOVEDO [INET-MD–UA]
SOFIA LOURENÇO [CITAR-UCP; ESMAE]

:: 17H00 | ENCERRAMENTO



:: **Coordenação** | Ângelo Martingo :: **Comissão Científica** | Ângelo Martingo | Levi Leonido
| Albertino Gonçalves | Eduardo Lopes :: **Comissão Organizadora** | Ângelo Martingo | Levi
Leonido | Jaime Costa | Pedro Martins | Matias Isolabella

Contactos

Universidade do Minho | Edifício dos Congregados | Avenida Central | 4710-299 Braga |
angelomartingo@elach.uminho.pt



Universidade do Minho
Campus de Braga - Av. do Cristo, 4000-057 Braga



CEHUM
Centro de Estudos em Humanidades
da Universidade do Minho



NETCult
Núcleo de Estudos Transculturais



FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia



COMPETE
Programa Operacional Competitividade e Inovação



ERDF
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional